

ÁNGEL RAMA: PERSPECTIVA CRÍTICA E PRÁTICA INTELECTUAL

ÁNGEL RAMA: PERSPECTIVA CRÍTICA Y PRÁCTICA INTELECTUAL

Débora Cota¹

RESUMO: O estudo que aqui se apresenta procura estabelecer uma discussão acerca da postura intelectual de um dos mais destacados críticos latino-americanos, o uruguaio Ángel Rama. Sendo a configuração da classe letrada na América Latina uma preocupação do crítico, procura-se ler sua postura intelectual a partir da história que constrói da classe letrada da região, trazendo sua perspectiva crítica para dentro de importantes paradigmas latino-americanos como o arielismo e o calibalismo (JAUREGUI). Observa-se na prática intelectual de Ángel Rama o exercício de um "modernismo pedagógico" (ANTELO), que se não o apresenta como um arielista, considera sua postura como o que há de mais arielista no calibalismo. Por outro lado, discute-se a partir das considerações de Zigmunt Bauman seu papel de intelectual considerando o seu tempo e as práticas intelectuais de arbitrar no campo da cultura, comuns a ele.

Palavras-chave: Ángel Rama. Prática intelectual. "Modernismo pedagógico".

A literatura não é apenas narrativa, poesia, mas também se desenvolve nas reflexões, nas discussões e nos entrelaçamentos e redes que forma, através dos conceitos, hipóteses e perspectivas de leitura, quando se torna objeto de análise. Gostaria de demarcar aqui uma leitura da perspectiva crítica e da prática intelectual do crítico uruguaio Ángel Rama a partir de sua atuação e posição crítica com relação a projetos e posturas intelectuais acerca da cultura latino-americana com as quais dialogou e sobre as quais pesquisou. São posturas intelectuais que intervêm no sentido de influenciarem, serem consideradas, estarem presentes e articuladas nas discussões em torno do saber literário e cultural na América Latina, tornando-se indispensáveis para se ler a literatura e seu movimento crítico no continente.

1

O estudo do crítico colombiano Carlos Jáuregui sobre o canibalismo enquanto tropo colonial na América Latina, *Canibalia: canibalismo, calibalismo, Antropofagia cultural y consumo en América Latina* (2008), explora a apropriação simbólica na América Latina e Caribe da obra *A tempestade*, de William Shakespeare, que aponta para dois paradigmas latino-americanos essenciais para se pensar o continente e seus diversos projetos nacionais e de identidades: o "arielismo" e o "calibalismo". Nas apropriações que corroboram o primeiro paradigma, como *Ariel* (1900) de José Henrique Rodó, obra, aliás, fundadora deste paradigma, os personagens conceituais de *A tempestade*, têm a seguinte configuração: Ariel,

o gênio do ar, simboliza a latinidade, a hispanidade, a claridade e a ordem, a partir da qual estaria se organizando a América Latina, enquanto que Calibán, o escravo selvagem, simboliza a desordem social, o canibal, e se concretiza na figura dos EUA. Vale esclarecer que Rodó escreve sua obra após a guerra entre Espanha e EUA pela posse de Cuba, ocorrida em 1898. Como afirma Carlos Jáuregui: "(...) as primeiras apropriações de *A tempestade* nomeiam a identidade com Ariel ao invés de fazê-lo com o monstro. Calibán, por sua vez, nomeou as alteridades do latino-americano: os Estados Unidos e as massas obreiro-campesinas." (JAURÉGUI, 2005, p. 246). Já nas apropriações que se enquadram no segundo paradigma, o "calibalismo", originado cerca de cinquenta anos após o primeiro, ou seja, na segunda metade do século XX, Calibán será o personagem conceitual escolhido para representar a América Latina:

A irrupção do marxismo como ferramenta de pensamento e de crítica do imperialismo e do (neo) colonialismo, as revisões historiográficas em países em processo de descolonização, a avançada contra-colonial caribenha depois da Segunda Guerra Mundial, e a Revolução cubana, produziram uma segunda onda de metáforas políticas e apropriações simbólicas de *A tempestade*: o calibalismo. Este impulso descolonizador acomete a releitura crítica do arielismo e do psicologismo social neocolonialista que falava da necessidade que Calibán tinha de Próspero. Calibán é então adotado como personagem conceitual da identidade latino-americana. (JÁUREGUI, 2005, p. 382, tradução minha)

Perante este desenho esquemático de algumas das idéias a partir das quais Carlos Jáuregui irá discutir o calibalismo enquanto tropos na América Latina proponho trazer para o centro desta composição, para ilustrar ainda mais este desenho, a produção intelectual de Ángel Rama. Não apenas como um constante investigador da cultura latino-americana, exercício que resultou em obras marcantes sobre a nossa literatura, mas também enquanto agitador cultural² do continente, Ángel Rama interagiu e dialogou diretamente com estes paradigmas evidenciados por Jáuregui.

II

¹ Doutora em Literatura (UFSC, 2010). Docente da Universidade Federal da Integração Latino-americana.

² Ángel Rama fundou no Uruguai a editora Arca, na Venezuela contribuiu com a fundação da Biblioteca Ayacucho e foi colaborador de diversas revistas latino-americanas, entre elas, no Brasil, a revista *Argumento* (1973-1974).

Publicada postumamente, em 1984, a obra *A cidade das letras*³, do crítico uruguaio, traça um perfil histórico do comportamento e da função da classe letrada na América Latina. Na organização e desenvolvimento dos centros urbanos, agregadores de poder, esta classe obteve funções importantíssimas, daí a compreensão de Rama da classe letrada como uma outra cidade paralela à “cidade real”, mas que a regia e dominava. De acordo com o crítico:

No centro de toda cidade, conforme diversos graus que alcançavam sua plenitude nas capitais vice-reinais, houve uma *cidade letrada* que compunha o anel protetor do poder e o executor de suas ordens: uma plêiade de religiosos, administradores, educadores, profissionais, escritores e múltiplos servidores intelectuais. Todos os que manejavam a pena estavam estreitamente associados às funções do poder e compunham o que Georg Friederici viu como um país modelo de funcionalismo e de burocracia. Desde a sua consolidação no último terço do século XVI, essa equipe mostrou dimensões desmesuradas, que não se adequavam ao reduzido número dos alfabetizados aos quais podia chegar sua palavra escrita e nem sequer às suas obrigações específicas, e ocupou simultaneamente um elevado nível dentro da sociedade obtendo, portanto, uma parte nada desprezível de seu abundante excedente econômico. (RAMA, 1985, p.43)

A “cidade letrada” age, segundo Rama, na ordem dos signos e é dotada de um aspecto sagrado, ou seja, mesmo estando em um nível abstrato possui poder de reger e dominar a “cidade real”, a ordem física. Sua força e poder provêm da relação intrínseca que possui com os campos político e econômico que tinham na letra o meio através do qual impunham seus interesses. Rama mostrará que esta classe sempre esteve a serviço, ou então, constituía-se do poder político e econômico dominante. Este poder estabelece uma distância com relação ao resto da sociedade, análoga à distância entre a letra escrita e a falada. Além disso, o poder hegemônico, assim como a cidade das letras que o incorporava, prezavam por uma ordem: a ordem do mundo dos signos, ou, por outro lado, a ordem da ilustração e da modernização.

³ De acordo com Carina Blixen e Álvaro Barros-Lémez em *Cronologia y bibliografía de Ángel Rama*, o livro *La ciudad letrada* teve sua primeira edição publicada pela Ediciones del Norte, Hanover, New Jersey, USA, em 1984. A segunda edição saiu em Montevideu, pela Fundação Ángel Rama, também em 1984. E, no Brasil, foi publicada pela Editora Brasiliense em 1985, com tradução de Emir Sader, edição esta utilizada para a elaboração deste trabalho.

Ao examinar a produção de um pequeno grupo da “cidade letrada” do século XIX, a historiografia literária do liberalismo hispano-americano, Beatriz González-Stephan corrobora as conclusões de Rama sobre a relação da “cidade letrada” com o poder, e põe em prática o projeto raminiiano que subjaz à obra *A cidade das letras*, qual seja, o de revisão do processo de modernização latino-americano. Para a autora:

[...] os diversos trabalhos bibliográficos ou de interpretação histórica da cultura na América Hispânica, de acordo com o tipo de literatura que selecionam e o passado que reconstroem, representarão variáveis ideológicas que correspondem, por sua vez, aos diferentes projetos político-sociais das elites historicamente dominantes. (GONZÁLEZ-STEPHAN, 2002, p.87)

As próprias noções de literatura que estes historiadores manejavam demonstram de que forma a literatura estava atrelada aos projetos de nação em voga naquele momento. Um grande exemplo é a concepção liberal da arte que via nas letras a função pedagógica de trazer para a ordem e a razão ocidentais – a civilização – os homens americanos completamente carentes de lei, ordem e razão. Esta concepção, para González-Stephan, explicitava a idéia do homem não europeu como bárbaro e irracional abrindo o continente para o projeto expansivo do mercado internacional, ideal de alguns representantes do poder na época.

É ainda neste contexto de modernização que “a pólis se politiza”, segundo Rama, e dará lugar a um novo tipo de intelectual, de letrado que será criticado e questionado pelo crítico uruguaio: os “ideólogos”. Esses acreditavam ser os condutores espirituais da sociedade, arielistas que, para Rama, confundiam o papel do intelectual com sacerdócio. Apesar de não citar diretamente a obra *Ariel*, seu autor é um dos nomes que Rama recorre com frequência ao tratar dos “ideólogos” do início do século XX:

A fórmula preferida de Rodó traduz o projeto de sua geração: “cura de almas”. Médicos que se aplicam ao espírito, portanto novos sacerdotes da humanidade, a eles corresponde ocupar o lugar vago que havia deixado o desmembramento da águia bicéfala (Trono e Tiara), que regia desde a Descoberta, ocupando junto ao Poder do Estado a função complementar que desempenhava a Igreja do Patronato, ainda que sem os resguardos que oferecia uma Instituição compacta, os quais substituíam sofrivelmente as Academias, Universidade ou Tribunais, em que os mestres-pensadores da época procuraram estruturar o poder espiritual. (RAMA, 1985, p. 107)

É com este perfil que Rodó escreve, em 1900, *Ariel*. Nesta obra o autor monta uma anedota de um nobre professor que fala para seus alunos em um último encontro. O discurso propagado é o discurso da Verdade, da Razão, o discurso do Pai para os filhos, do Rei para seus súditos, do velho carregado de experiência e sabedoria para os jovens, de Próspero ao lado de Ariel. Rodó teme pelo futuro da América Latina, ameaçada por Calibán, pela concepção utilitária, pela vulgaridade democrática, pela barbárie, enfim ameaçada pelos EUA e pela massa insurgente.

Ao voltar-se contra os imigrantes pobres e as massas de trabalhadores Rodó definia uma proposta aristocratizante e afirmava a hegemonia da alta cultura:

(...) a afluência imigratória (...) nos expõe no porvir aos perigos da degeneração democrática, que afoga baixo a força cega (...); que desvanece (...) todo justo sentimento de ordem (...). Se a aparição e o florescimento, na sociedade, das mais elevadas atividades humanas, das que determinam a alta cultura, requerem como condição indispensável a existência de uma população numerosa e densa, é precisamente porque essa importância quantitativa da população, dando lugar a mais complexa divisão do trabalho, possibilita a formação de fortes elementos dirigentes que façam efetivo o domínio da qualidade sobre o número. A multidão, a massa anônima não é nada por si mesma. A multidão será um instrumento de barbárie ou de civilização, segundo careça ou não do coeficiente de uma alta direção moral. (RODÓ, 2006, p. 15)

A posição do autor de *Ariel* se unia, em termos de um projeto letrado, a que, em âmbito hispano-americano, em fins do século XIX, os propulsores de uma renovação literária, representados especialmente por Rubén Darío, denominavam de “modernismo”. O ideal que buscavam era o de uma dimensão universal-cosmopolita da arte, articulada às condições do mundo moderno e dialogando com as expressões que se consideravam mais atuais da cultura europeia.

Subjaz, portanto, através desta função ideologizante do intelectual, que o mostra como o destinado a guiar a sociedade, e através de uma produção letrada voltada para o ideal europeu de arte, o “modernismo pedagógico” e fica explícita a oposição que faz Ángel Rama a este pensamento: levando em conta o processo de internacionalização vivido pela América

Latina neste momento e se atendo à perspectiva de José Martí sobre os limites desta internacionalização, Rama aponta para o surgimento de uma outra cidade oposta à “cidade real” que se expandia de forma desenfreada e desordenada, a “cidade ideal” que procedia do modelo europeu e que contribuía para a construção de uma “utopia enceguedora” da realidade circundante. A busca pela “cidade ideal” ganhou relevância e força através dos intelectuais do modernismo pedagógico do início do século e manteve a cidade letrada distante da “real”. O estreitamento desta distância é um elemento central no “não-ariélismo” de Rama. Porém, afirmar o “não-ariélismo” de Ángel Rama, não é, contudo, como se verá adiante, afirmar o seu “calibalismo”.

Roseli Barros Cunha, que delinea o pensamento crítico raminiiano através de suas obras mais exemplares, expõe:

talvez possamos inferir que o mito levado adiante na obra do crítico uruguaio seja sua convicção no projeto modernizador promovido por meio da educação em uma sociedade liberal. Portanto os idealizadores e realizadores desse projeto deveriam ser os letrados. Este seria o mito com o qual Ángel Rama estaria operando ao longo de sua obra, desde *Los poetas modernistas en el mercado económico*, de 1967; passando por *Transculturación narrativa en América Latina* (1982a), (...) até chegar a *La ciudad letrada* (1984a), onde se esboçava uma modificação de seu pensamento.(CUNHA, 2005, p. 326)

O ideal no qual os letrados seriam os propulsores de um projeto modernizador, ou seja, em que o saber, a letra estaria na base de um processo de transformação como no caso específico da literatura transculturadora, unido a outro ideal, o de demonstrar o caráter universal da literatura latino-americana, nos remete mais uma vez a um “modernismo pedagógico”. Ángel Rama em sua obra *Transculturación narrativa en América Latina*, de 1982, propõe como exemplo a ser seguido a prática literária transculturadora promovida por um escritor, José Maria Arguedas, que sintetizava as características de mestiço cultural, e a de letrado de classe média, ou melhor, reunia conhecimentos acadêmicos tanto do nível mais popular como do nível mais urbano modernizado, no qual se encontra o letrado. Já em *A cidade das letras* quando está tratando especificamente da classe letrada, a transculturação aparece através da opção de Rama pelo exercício do grupo letrado em escolher as modificações trazidas do exterior pelos impactos modernizadores, buscando preservar

algumas características internas já existentes. A função idealizada do intelectual como agente de transformação e a preocupação com o universalismo apontam, como se viu, para uma perspectiva modernista pedagógica, agora não mais posta em xeque, mas posta em prática pelo crítico uruguaio.

Esta recorrência da perspectiva modernista pedagógica a partir do final dos anos de 1930 também vai ser detectada por Rama na *Cidade das letras*. A educação popular e o nacionalismo baseado na integração do continente serão as bases sobre as quais as “revoluções” (assim chamadas por Rama), no século XX, operam. Porém, tais valores cancelavam, como afirmou Rama, os valores da modernização (enriquecimento e universalismo), mas tinham a intenção de complementá-los, desta forma tinha-se “uma réplica democrática da concepção elitista que havia dominado os ‘ilustrados’ da modernização”. (RAMA, 1983, p.129)

Enfim, na obra *A cidade das letras*, na qual Ángel Rama vê as configurações que os grupos letrados tiveram no decorrer da história latino-americana e que, em consequência, acaba vendo a si mesmo, subjaz também um pessimismo, um desalento. A revisão do processo de modernização da América Latina que faz nesta obra, uma das últimas escritas antes de sua morte, põe em xeque o próprio modernismo pedagógico ao qual se filiava. Além disso, sabe-se que no momento da escrita desta obra Ángel Rama encontrava-se exilado nos EUA e vivia a situação instável do intelectual forçado a responder por suas atividades, pelas desconfianças geradas devido à sua solidariedade às causas em que estava engajado⁴. Assim ao revisar a posição do intelectual latino-americano, revisava a sua própria posição e, indicava modificações no seu pensamento.

III

A postura “modernista pedagógica” de Rama é problematizada por Raúl Antelo a partir de outros textos do crítico publicados na década de 1960, em especial, de uma resenha sobre o filme *Deus e o diabo na terra do sol*, de Glauber Rocha. Em “Rama y la modernidad secuestrada”⁵, Raúl Antelo cria uma anedota na qual o crítico, acompanhado pelo seu

⁴ Ángel Rama teve seu visto negado pelo serviço de imigração americano em 1982 e em 1983 deixa os EUA estabelecendo residência definitiva em Paris.

⁵ Conferência preparada para uma homenagem a Ángel Rama na LASA em 2003, que não foi apresentada, segundo o autor, em função da guerra no Iraque. Raúl Antelo é professor da Universidade Federal de Santa Catarina e tem entre suas publicações a organização da edição crítica *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos* (2001).

“mestre”⁶ Antonio Candido assiste em 1971, ao filme de Glauber Rocha, na Quinta Mostra de Cinema Latino-americano de Gênova.

Seguem, nos comentários produzidos pelo crítico uruguaio sobre o filme, críticas sobre a mimetização de grandes cineastas estrangeiros feitas por Glauber Rocha. Esta mimetização, vista por Rama como erro, se justificaria, ainda conforme Rama, pela juventude do cineasta que teria entre 23 e 25 anos quando produziu o filme. Raúl Antelo mostrará a partir desta questão que o problema se concentra justamente na perspectiva modernista pedagógica a que Rama se atém. Rama não se satisfaz com as imitações do estilo Eisenstein e do diálogo entre o escritor francês Henry de Montherlant e o filósofo Jean Paul Sartre no que se refere aos temas do destino, da crueldade e da morte, presentes no filme. Antelo, através das reflexões de Jacques Rancière, opõe à crítica comprometida e dialética de Brecht, à perspectiva estética de Eisenstein, aproximando Glauber à perspectiva deste último cineasta, para mostrar como esta controvérsia entre Brecht e Eisenstein se desdobra na visão de Rama e Glauber sobre Sartre: “Enquanto Glauber se inclina a ver a Sartre como 'el eslabón antimimético', barroco e exasperado, situado entre Mallarmé e Guy Debord, Rama pelo contrario, vê em Sartre (...) um mestre” (ANTELO, 2006, p. 2). Dessa maneira, Antelo aponta para uma não conformidade entre as perspectivas raminiiana e glauberiana, ou seja, no filme de Glauber, o que Rama aponta como erro proveniente da juventude do cineasta, para Antelo é uma falta de sintonia entre esses, provocada pela não racionalização do jovem cineasta e pelo ideal pedagógico do crítico.

Ainda para Raúl Antelo os modelos subjacentes à perspectiva modernista pedagógica de Rama, por um lado, permitem ver Glauber Rocha, como um canibal, indisciplinado, por outro permitem que se veja que os dois também, de alguma forma, se unem: “(...) seu modelo da transculturação narrativa latino-americana não é outra coisa senão a atualização da antropofagia oswaldiana da qual, melhor que qualquer outro artista, deriva Glauber Rocha.” (ANTELO, 2006, p. 4) O que talvez os diferenciem, para Antelo, seja a mostra de Glauber quanto à impossibilidade de opção por formas disjuntivas, sendo sua saída o transe das forças antagônicas, a ambivalência.

⁶ Antelo também filia a obra *Transculturación narrativa en América Latina*, de Rama, à *Formação da Literatura Brasileira*, de Candido, chamando esta última de “guión” o “esbozo” da primeira. Tais afirmações justificam, aqui, a designação de Antonio Candido como “mestre” de Ángel Rama.

Esta aproximação de Glauber Rocha e Ángel Rama via a antropofagia brasileira nos permite retornar aos paradigmas propostos por Carlos Jáuregui. O movimento antropofágico, para Carlos Jáuregui, faz uma apropriação modernista do canibal como metáfora da produção cultural, no caso, brasileira:

Com a *Antropofagia* o tropo mestre da alteridade colonial (o canibal) e o da mesmice antiquada (o índio moroso românico) são reunidos em um só personagem conceitual, um brincalhão canibal brasileiro que se define no ato de consumir bens simbólicos e transformá-los com uma alegre despreocupação e apetite pela autoridade e os discursos europeus. (JÁUREGUI, 2005, p.320, tradução minha)

É justamente a fórmula consumo dos bens simbólicos, estrangeiros ou não, mais a transformação destes bens que resume o modelo de transculturação de Ángel Rama. Desta maneira, se poderia tomar Ángel Rama, enquanto um transculturador, também como um canibal ou “calibal”, uma vez que na América hispânica, o calibalismo é o paradigma no qual Calibán, canibal, representará a alteridade colonial. As características do calibalismo crítico, como pensa Roberto Fernandez Retamar, autor do ensaio “Calibán”, de 1971 (*Apud* JÁUREGUI, 2005), com o qual Rama dialogou, são, por um lado, o marxismo, a união da América Latina contra o imperialismo, a valorização do mestiço, características compartilhadas por Rama, apesar de suas especificidades. Porém, por outro lado, o calibalismo é também a revolução feita pelo próprio povo (Cuba), a insurreição e o disforme. Rama será o que Calibán mais tem de Ariel, pois, conforme Jáuregui (2005), o calibalismo não representa uma ruptura radical com o arielismo, tanto a imagem utópica da América Latina, como o anti-imperialismo são coordenadas nas quais “Calibán” (1971) coincide com *Ariel* (1900).

IV

Como modo de encerramento deste breve estudo, vale considerar ainda a aproximação à dinâmica do modernismo pedagógico na própria prática, deste que foi um dos mais importantes críticos literários latino-americanos. Além de sua extensa produção, como já foi dito, Ángel Rama era considerado um agitador cultural. Participava de eventos e ministrava conferências em vários países latino-americanos e esteve à frente de importantes projetos de divulgação da literatura e da cultura latino-americana. Exercia com isto um papel de intelectual

que ainda serve de modelo no cenário contemporâneo, mas que aos poucos veem recebendo modificações.

Sobre esta associação entre a prática intelectual e seu tempo e as mudanças que vem sofrendo, o sociólogo Zygmunt Bauman, em *Legisladores e intérpretes: sobre la modernidad, la posmodernidad y los intelectuales* (1997) realiza um relevante balanço. Ao tratar da natureza do modernismo e do pós-modernismo e a consonância do trabalho intelectual com o desenvolvimento da cultura, o sociólogo aponta para dois tipos centrais de prática intelectual, utilizando-se das metáforas de “legislador” e “intérprete” para nomeá-las: a primeira é a que melhor caracteriza a estratégia tipicamente moderna do trabalho intelectual e a segunda, a pós-moderna. O intelectual legislador é aquele que, segundo Bauman (1997, p. 191), emite pronunciamentos de autoridade, toma decisões, segrega, classifica, impõe definições vinculantes à realidade, exerce poder sobre o campo da arte, diferentemente do intelectual intérprete que “abandona abiertamente, o hace un costado como irrelevante para la tarea del momento, el supuesto de la universalidad de la verdad, el juicio o el gusto;” (1997, p. 276). O filósofo aponta para o exercício de um certo poder de controle ou, pelo menos, para o importante papel de legitimador de verdades, de juiz ou definidor de gostos que seria mais evidente na configuração de um intelectual legislador. Em tempos pós-modernos, os intelectuais intérpretes são muito mais mediadores, tradutores ou negociadores, já não teriam mais ou teriam pouco controle ou intervenção, já que este poder estaria na mão de outras forças.

O modernismo pedagógico na prática intelectual de Ángel Rama se aproxima de uma dinâmica legisladora. Muito menos por sua prática estar sedimentada em ideias impostas como verdades universais, do que pela intervenção significativa que seu nome obteve primeiramente no campo cultural uruguaio e depois, latino-americano. O crítico uruguaio, sobretudo, “legisla”, intervém quando, via seu exercício crítico, acaba por constituir um cânone, contribuir para a definição do que é válido ou não no âmbito cultural e, neste sentido, obtém grande relevância pedagógica: ao intervir na construção de um legado cultural, seja frente à revista uruguaia *Marcha*, ou mais tarde, frente à Biblioteca Ayacucho (responsável pela divulgação de um corpo de referências de obras latino-americanas) intervem pedagogicamente na construção de um paideuma a ser considerado na produção de uma nova literatura ou ainda como referência ao se tratar de um continente como a

América Latina. Assim sendo, esta prática intelectual é a de quem arbitra no campo das artes tornando-se, inclusive, exemplo a ser considerado.

É fato, também, que o perfil intelectual de Ángel Rama, sobretudo na década de 1970, se aproxima muito do modelo francês, sartreano, de intelectual engajado, comprometido com as lutas políticas que na América Latina estavam vinculadas aos movimentos de contestação das ditaduras militares, além de representar um grupo, como o dos intelectuais exilados, falando em nome deles. Era também, enquanto intelectual cobrado a se manifestar perante questões políticas como a do regime castrista, em Cuba.

No Uruguai, Rama pertenceu a geração que dominou a cena cultural uruguaia a partir do anos 40 (em *A cidade das letras* Rama a discute no capítulo intitulado "A cidade revolucionada"). Denominada pelo próprio autor como *Generación crítica*, 1939-1969, (ou *Generación del 45*), é formada por seus compatriotas, Carlos Martínez Moreno, Mario Benedetti, Mario Arregui, José Pedro Díaz, Armonio Somers, Carlos Real de Azúa, Idea Cilariño, Sarandy Cabrera, Ida Vitale, Carlos Maggi, Emir Rodríguez Monegal, entre outros. A geração caracteriza-se pelo distanciamento de uma visão da literatura como "belas artes", imperante na geração imediatamente anterior, para uma ideia de literatura comprometida com o contexto político e social uruguaio que, por esses anos, iniciava uma crise após um período de grande desenvolvimento. Acreditou no projeto de "democracia latino-americana" constituído pela conjugação entre o popular e o nacionalismo, ou seja, pela educação e valorização do popular e pela união dos países latino-americanos, a América Latina integrada⁷, questão sobre a qual Rama torna-se uma importante referência.

Não surpreende, no entanto, que esta postura legisladora não seja a única possível de ser associada à complexidade do pensamento raminiiano, ou seja, que perante a classificação disjuntiva legislador/intérprete somente a primeira prepondere. É preciso lembrar que a relação entre intelectual legislador e intérprete é antinômica somente na aparência; na verdade trata-se de duas práticas vinculadas a momentos diferentes da história cultural. Sobre esta questão Zygmunt Bauman adverte na introdução de seu texto: "Es de vital importancia

⁷ O esboço deste projeto de integração da América Latina pode ser observado em vários trabalhos de Ángel Rama, seja em *Transculturación narrativa en América Latina*, quando analisa os processos transculturadores que recebem tanto a literatura de regiões internas de suas capitais, como as áreas de contato com o exterior das grandes metrópoles, seja em "Um processo autonômico: das literaturas nacionais a literatura latino-americana" (1974), artigo no qual discute uma proposta de história da literatura latino-americana.

advertir que la estrategia posmoderna no implica la eliminación de la moderna; al contrario, no se la puede concebir sin la continuidad de esta última” (1997, p. 145-15). Sabe-se que a prática de legislador é ainda muito exercida por aqueles que através de reconhecimento acabam assumindo posições importantes a partir das quais são ditados, muitas vezes, os rumos da cultura ou do seu estudo. As mudanças localizadas por Bauman dizem respeito muito mais à construção do conhecimento em torno da cultura, ao modo de abordagem das dinâmicas culturais e de sua diversidade. Os estudos da cultura e, especialmente, a literatura, passaram a partir dos anos de 1980 por intensas mudanças nas quais a própria forma de produção e legitimação de conhecimento foram questionados e deram lugar a afirmação da diversidade cultural e ao surgimento do intelectual intérprete.

A produção de Ángel Rama se encerra, com sua morte, no início dos anos de 1980 e *La ciudad letrada* é publicada postumamente. Portanto, não estaria distante das mudanças em processo, naquele momento, no âmbito cultural. A indagação acerca da classe letrada que perpassa toda a história latino-americana demonstra seu vínculo com os estudos que ali se disseminavam em torno da relação entre poder e produção de conhecimento, entre poder e escrita. Trata-se, neste sentido, de uma perspectiva muito mais voltada à problematização do trabalho intelectual do que de sua definição, uma abordagem mais preocupada em interpretar do que legislar acerca do tema. Neste sentido, se anuncia também um abandono de sua perspectiva modernista pedagógica, principalmente no que tange ao caráter pedagógico que acompanha sua produção já que, ao prezar pela dinâmica de questionamento e problematização, parece se afastar ou relativizar a postura de guia ou orientador tão definidora do modernismo pedagógico.

RESUMEN: El estudio que aquí se presenta procura establecer una discusión sobre la postura intelectual de uno de los más destacados críticos latinoamericanos, el uruguayo Ángel Rama. Siendo la configuración de la clase letrada en América Latina una preocupación del crítico, se procura leer su postura intelectual a partir de la historia que construye de la clase letrada de la región, trayendo su perspectiva crítica para dentro de importantes paradigmas latinoamericanos como el arielismo y el calibalismo (JAUREGUI). Se observa en la práctica intelectual de Ángel Rama el ejercicio de un "modernismo pedagógico" (ANTELO), que si no lo presenta como un arielista, considera su postura como lo que hay de más arielista en el calibalismo. Por otro lado, se discute a partir de las consideraciones de Zigmunt Bauman su papel de intelectual considerando su tiempo y las prácticas intelectuales de arbitrar en el campo de la cultura, comunes a él.

Palabras clave: Ángel Rama. Prática intelectual. "Modernismo pedagógico".

REFERÊNCIAS

ANTELO, Raúl. Rama y la modernidad secuestrada. Disponível em:

<<http://www.onetti.cce.ufsc.br/simposio/textosinvitados/raul/raul7.pdf>>. Acesso em: 14 de set. 2015.

BAUMAN, Zygmunt. *Legisladores e intérpretes: sobre la modernidad, la posmodernidad y los intelectuales*. Trad. Horacio Pons. Buenos Aires: Universidad de Quilmes, 1997.

BLIXEN, Carina.; BARROS-LEMEZ, Álvaro. *Cronologia y bibliografía de Ángel Rama*. Montevideo: Fundación Ángel Rama/ Editora Arca, 1986.

CUNHA, Roseli Barros. *Transculturação narrativa: seu percurso na obra crítica de Ángel Rama*. 2005. 351 f. Tese. (Doutorado em Letras) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GONZÁLEZ-STEPHAN, Beatriz. *Fundaciones: canon, historia y cultura nacional: la historiografía del liberalismo hispanoamericano del siglo XIX*. 2. ed. Madrid: Iberoamericana: Vervuert, 2002.

JÁUREGUI, Carlos. *Canibalia: canibalismo, calibalismo, Antropofagia cultural y consumo en América Latina*. 2001. 554 f. Tese. Universidade de Pittsburg, EUA.

MONEGAL, Emir Rodríguez. Las metamorfosis de Calibán. *Vuelta*, v. 3, nº 25. México, dic. 1978, p. 23-26.

Disponível em:

<http://www.autoresdeluruguay.uy/biblioteca/Jose_Enrique_Rodo/lib/exe/fetch.php?media=erm_-_las_metamorfosis_de_caliban_1978_.pdf> Acesso em: 13 de jul. 2015.

RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. Trad. Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Transculturación narrativa en América Latina*. Montevideo: Fundación Ángel Rama: Editora Arca, 1989.

_____. Um processo autônomo: das literaturas nacionais as literaturas latino-americanas. *Argumento* nº 4. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Disponível em

<<http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/aust/12815073126702617432435/index.htm>> Acesso em: 21 de set. 2015.

SHAKESPEARE, William. *La tempestad*. Tradução de Guadalupe de la Torre. Argentina: Longseller, 2000.